

AULA 30 – O DÉCIMO MANDAMENTO: O DEVER DO CONTENTAMENTO

Olá Professor Alan Lima, eu declaro a leitura desta aula para a glória de Deus em Cristo Jesus. Como estou feliz em concluir esse módulo para a honra de Deus, entendendo que até aqui nos ajudou o Senhor (1 Samuel 7.12). Esta aula é uma continuidade do 10º mandamento, mais especificamente que nós como cristãos devemos ficar alegres com o que temos ou possuímos na vida.

Um alerta para cada um de nós é que cobiçamos o que Deus não nos deu, em essência agimos então como crianças batendo na cara de Deus, cobrando e dizendo que queremos de todo jeito aquilo. Mas temos que mudar essa atitude!

Sejamos gratos a Deus, em sua sábia e soberana providência em nossas vidas. A palavra contentamento significa contente, alegre, feliz; Apóstolo Paulo compreendeu e apreendeu a viver feliz e contente tanto na fartura quanto na escassez em sua vida diária. Esta deve ser a nossa vida na sociedade hoje, temos que está feliz em todos os momentos da vida. *“Por isso, tendo o que comer e com que vestir-nos, estejamos com isso satisfeitos”* (1 Timóteo 6.8).

Desta forma, o contentamento é o oposto da murmuração. O contentamento cristão é a alegria e a satisfação sentidas diante da bondade e a graciosidade de Deus para com as nossas vidas, por tudo que temos, de fato é tudo o que necessitamos para viver nessa vida. Não sejamos pessoas ingratas em Deus.

A alegria do apóstolo Paulo tinha a sua origem em Deus. Ele é a única fonte da felicidade verdadeira. Vale ressaltar, que Deus não necessita de nada nem de ninguém para fazê-Lo feliz. Devemos nos alegrar com a pessoa de Deus. Portanto, não encontramos felicidade em bens, mas na pessoa da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo). Que sejamos gratos por tudo que Deus nos dá e sustenta diariamente, e estejamos preparados para Novo Céu e a Nova Terra. Que Deus nos abençoe e nos sustente sempre Nele para a Sua honra e glória.

Em Cristo,
Jefferson Souza.

ÉTICA CRISTÃ HOJE – Jefferson Rodrigo de Souza

Referência Bibliográfica	Pallister, Alan <i>Ética Cristã Hoje – Vivendo um Cristianismo Coerente em uma Sociedade em Mudança Rápida</i> Editora Shedd Publicações, São Paulo, 2005, páginas 279.
Resumo	<p>Este livro nos ensina dos princípios éticos baseados nos Dez Mandamentos, que a Escritura Sagrada é crucial para as nossas vidas e tem posição clara para nos exortar das questões éticas da sociedade moderna. A partir da perspectiva bíblica, nos exorta que devemos ser ética e qual verdadeira origem da vontade de ser ético.</p> <p>Hoje, a sociedade pós-moderna pensa e age contrária a Escritura. Assim, a religião é para muitos uma opção particular. A sociedade apresenta ligações fortes com suas convicções religiosas (e.g. hinduísmo, espiritismo, satanismo) ou rejeitam a fé - apóstatas. Então, a ética necessita de uma base teológica definida, pois o pluralismo religioso gera o relativismo ético, para os jovens tudo é relativo. Enquanto alguns heterossexuais tem-se relação monogâmica, homossexual prefere vários parceiros para viverem. O que impede um policial perdoar multas de transgressores com quem simpatiza e de agravar infrações por alguém com quem antipatiza?</p> <p>Em um mundo sem absolutos, como as pessoas entenderão sobre a ética? A maioria das pessoas são deontológicas (teoria normativa, escolhas são moralmente úteis, proibidas ou permitidas). Então, o que impede o juiz de introduzir critérios de ordem pessoal? Este livro considera a Lei de Deus, notadamente Dez Mandamentos para uma ética verdadeira. Ademais, ética baseada em Cristo. O livro é considerado para o leitor secular que tem dificuldade em justificar com coerência suas normas éticas, e o leitor cristão para orientar nas normas de conduta que deve aplicar. Vale salientar, que onde não há obediência a Deus, não pode haver amor a Deus. Assim, Jesus Cristo não veio para revogar a lei, mas cumpri-la (Mateus 5.17-18).</p> <p>CAPÍTULO 1: HONRAR O DEUS QUE NOS SALVA – “<i>Não terás outros deuses diante de mim</i>” (Êxodo 20.3). Será que o pluralismo religioso prover uma base para a reflexão ética e ação? Devemos compreender que a ética pode ser conceituada como “<i>um conjunto de normas que orientam o comportamento e vivência em sociedade</i>”. Assim, Platão refletia nas pessoas mais do que suas ações, onde comparava o que entendia de uma boa pessoa e orientava em sua vida diária. Já Aristóteles surge à ética imanente, em que procede do mundo dos homens e do seu interior. A vida ética fala de um Deus transcendente e pessoal, tais conceitos são seguidos por teísta, politeísta ou ateu. Entretanto, Agostinho pode ser entendido como homem apaixonado por Deus, que o salvou do mundo de prazer que antes estava inserido. Com relação a Tomás de Aquino, ele não aceitou a visão Agostiniana, para ele servia não só para restringir o mal, como moldar as pessoas boas. Por fim, João Calvino nos ensinou da depravação total do homem, ele não pode pensar ou agir sem a transformação do Espírito Santo. Depois da Reforma, Thomas Hobbes analisou natureza humana, que baseia no bem-estar geral.</p> <p>Para Imanuel Kant, a razão era crucial nos princípios éticos, e</p>

esta devia governar nossas paixões. Para Kant, *“a linguagem acerca da lei divina, a graça, etc. corrompe nosso senso de que somos agentes morais, cuja liberdade de determinação exterior é essencial para a atribuição da responsabilidade”*. O século XX sofreu com o iluminismo e também o liberalismo, postura cética de qualquer fonte sobrenatural que ditasse os valores éticos. A ética da situação foi dita por Joseph Fletcher, a moralidade é relativa à situação em que a pessoa se encontra, sendo o absoluto deontológico a exigência do amor (Romanos 13.8). A tolerância se estende ao campo da ética, a Bíblia é aceita pelos cristãos evangélicos. Além disso, ela é autoridade, pois fala individualmente com os seres humanos.

Com a chegada do pluralismo religioso, o texto de Romanos 1 que repreendia homossexuais, agora é visto como natural. Quanto às perspectivas bíblicas, os Dez Mandamentos não começam com uma ordem fria entregue ao ser humano, mas Deus sensibiliza o povo para clamá-Lo com gratidão. Deus afirma sua existência e sua presença em Salmos 46.1. Esta é uma presença prometida para toda situação, provendo vitória contra os inimigos. Assim como o nosso Deus esteve com Moisés, Ele está conosco, não nos abandona.

Destarte, deontologia da gratidão é diferente da deontologia do legalismo. Com relação ao Novo Testamento (NT), Cristo com gratidão por tudo que Deus fez por intermédio Dele, disse *“Eu te louvo, Pai”* (Mateus 11.25). Deus e “deuses” na Bíblia, NT tem-se “deuses”, exemplo dinheiro (Mamón) - Mateus 6.24, o apóstolo Paulo considerava avareza como idolatria (Colossenses 3.5). Alguns contemplam a si mesmo, mais do que Deus (Romanos 1.24). Por fim, o que cremos e nossas ações possuem ligação forte. A pessoa que separa as palavras que ouve de seus atos é um insensato (Mateus 7.24). Da mesma forma que Tiago diz que a fé sem obras está morta, então as obras sem fé não podem ter vida. Como cristãos, nós corremos o risco de nos isolarmos, esforçando-nos para cumprir a vontade de Deus, mas perdendo a vontade de Deus para o homem.

CAPÍTULO 2: NÃO SER FABRICANTE DE “deuses” - *“Não farás para ti nenhum ídolo, nenhuma imagem de qualquer coisa no céu, na terra, ou nas águas debaixo da terra. Não te prostrarás diante deles nem lhes prestarás culto, porque eu, o Senhor, o teu Deus, sou Deus zeloso, que castigo os filhos pelos pecados de seus pais até a terceira e quarta geração daqueles que me desprezam, mas trato com bondade até mil gerações aos que me amam e obedecem aos meus mandamentos”* (Êxodo 20.4-6).

Na época da Reforma, com as indulgências, verificou-se uma reação contra a veneração de imagens. Tomás Carlstadt, colega de Martinho Lutero, surgiu movimentos contra toda uma tradição religiosa medieval. Lutero, durante um ano em que ficou ausente de sua paróquia, verificou que havia se desencadeado um movimento de reação às práticas medievais, incluindo a destruição de imagens. O novo catecismo da Igreja Católica vê Maria e os santos como a “nuvem de testemunhas” (Hebreus 12.1) que continua a participar na salvação do mundo, sobretudo, na celebração sacramental. Em alguns lugares, as árvores são objetos de culto, devido ao fato da

palavra “madeira” ter uma raiz comum com as palavras “mãe” e “matéria”. A Igreja Católica pode não autorizar os cultos idólatras da religião, mas de modo nenhum consegue eliminá-los e, como resultado, se vê na obrigação de tentar absorvê-los/cristianizá-los.

Outro ponto interessante é a imagem no mundo dos “meios de comunicação de massa”, em que a tendência é haver menos imagens literalmente gravadas, inseridas em práticas religiosas tradicionais e mais imagens “virtuais”, fabricadas no mundo da publicidade. Mas tanto uma imagem como a outra são feitas pela mão humana. Tanto uma quanto outra desviam a atenção do Criador.

Então, o que a Bíblia nos ensina? O termo usado em Êxodo 20.4 é *pesel* (imagem gravada) e existem mais quatro termos no Antigo Testamento (AT) com significados quase idênticos (*gillul*, “bloco”; *masseka*, “imagem fundida”; *masseba*, “imagem erguida em pedra” e *asab*, “objeto lamentável”). Depois de um pouco tempo após a proibição de imagens no Decálogo, enquanto Moisés ainda estava no monte Sinai, o povo se envolveu na idolatria que tinha sido proibida. O povo se impacientou com a demora de Moisés na montanha e entendeu esse fato como ausência de Deus. Eles quiseram que o Deus ausente fosse substituído por deuses presentes (Êxodo 32.1). Quando Moisés voltou e reagiu horrorizado diante da idolatria do povo, Aarão não se sentiu capaz de manter essa defesa sofisticada e admitiu que tinha sido pressionado pelo povo: *“eles me disseram: Faça para nós deuses que nos conduzam, pois não sabemos o que aconteceu com esse Moisés, o homem que nos tirou do Egito”*.

O conhecimento de Deus, explica por que isso acontece: as imagens desonram Deus, obscurecendo sua glória. Deus é grande e majestoso que é inevitável que as imagens ocultem-no. As imagens enganam os homens, além de focar qualidades como força e beleza, o conceito de que Deus é alguém a quem se pode honrar mediante um deboche desenfreado. O livro de Daniel fornece o exemplo de um homem que se transforma a si mesmo em imagem. O rei Nabucodonosor teve um sonho no qual viu sua aparente grandeza e sua verdadeira fragilidade: uma estátua que tem a cabeça de ouro fino, o peito e os braços de prata, o ventre e as coxas de cobre, pernas de ferro e os pés de ferro e parte de barro (Daniel 2.32-33).

Quanto ao ensino no NT, para os apóstolos, converter-se a Cristo, era abandonar os ídolos (1 Tessalonicenses 1:19). Cristo é entendido como uma imagem perfeita de Deus. Paulo relaciona os pecados sexuais e o materialismo com a idolatria (Efésios 5.5). Para ele, uma conversão genuína é uma transformação mediante a qual a pessoa retira sua atenção de todo o tipo de imagem ou ídolo e, ao mesmo tempo, se torna semelhante à imagem de Cristo (2 Coríntios 3.18).

CAPÍTULO 3: DAR VALOR AO NOME DE DEUS – “Não tomarás em vão o nome do Senhor, teu Deus, pois o Senhor não deixará impune quem tornar seu nome em vão” (Êxodo 20.7). Para os judeus o nome de Deus era de fundamental importância. Em contraste com o estoicismo, Deus tinha nome, e o revelou a Moisés, Javé (“EU SOU”), na sarça ardente (Êxodo 3.14), Deus tinha um nome que deveria ser reverenciado e nunca devia ser usado ou manipulado de

forma nenhuma. Para Josefo, o nome de Deus fica quase tão distante como o próprio Deus e nem se quer pode habitar no templo. Não é lícito ao homem falar coisa alguma sobre o nome de Deus.

Para Jesus, a reverência diante do nome de Deus tinha valor positivo, ensinou-a como parte da oração modelo a ser usada pelos discípulos: *“santificado seja o Teu nome”* (Mateus 6:9). Mas o “nome” devia ser usado, não mantido fora do alcance dos homens. E criticou a tentativa dos fariseus em evitar o uso do nome em seus juramentos, quando, em vez de se referirem a “Deus”, falavam no “céu”, na “terra” em “Jerusalém” ou em sua cabeça (Mateus 5.33-36). A questão ética por Jesus não é pronunciar ou não o nome de Deus, mas sim de usar o nome de maneira inadequada. O nome de Deus é santo. Para Calvino, Deus é ofendido pelos os nossos juramentos: (i) quando se comete perjúrio em seu nome, (ii) quando se jura sem necessidade, e (iii) quando se jura por outros que não é Ele.

E o que a Escritura nos ensina? A expressão hebraica *lashshaw*, significa “em vão”, “sem nenhum propósito”, significa “nada” ou “o vazio”. Em Salmos 24.4, o homem justo é descrito como aquele que *“tem as mãos limpas e o coração puro, que não recorre aos ídolos nem jura por deuses falsos”*. Também são “nada” as palavras vazias dos falsos profetas (Lamentações 2.14). AT tem exemplos sobre a questão das promessas. Pode-se citar Eclesiastes 5.2, descreve uma forma “vã” de falar: *“Não seja precipitado de lábios, nem apressado de coração para fazer promessas diante de Deus”*. Quem promete e não cumpre é claramente descrito como um “tolo” ou “insensato”. Quando um juramento é feito em uma situação oficial – em um tribunal – e não é cumprido, a ofensa é considerada perjúrio que é uma ofensa da maior gravidade (Levítico 19.12).

No NT não ensina que não se deve usar o nome de Deus, mas que esse nome deve se usado com respeito e santidade (Mateus 6.9). Depois notamos um dos nomes de Deus, “o Senhor”, aplicado não só a Deus Pai, mas àquele que foi declarado “Senhor” mediante sua ressurreição dos mortos, Jesus. A salvação vem pela invocação desse nome e convicção real de sua ressurreição (Romanos 10.9).

Então, vemos que tomar o nome de Deus em vão equivale a usar de uma forma impensada seu nome, ou qualquer outro nome equivalente. Pode haver situações sérias, mesmo na vida particular, quando invocamos o nome de Deus para confirmar nossas palavras.

CAPÍTULO 4: TRABALHAR E DESCANSAR - *“Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo. Trabalharás seis dias e neles farás todos os teus trabalhos, mas o sétimo dia é o sábado dedicado ao Senhor, o teu Deus. Nesse dia não farás trabalho algum, nem tu, nem teus filhos ou filhas, nem teus servos ou servas, nem teus animais, nem os estrangeiros que morarem em tuas cidades. Pois em seis dias o Senhor fez os céus e a terra, o mar e tudo o que neles existe, mas no sétimo dia descansou. Portanto, o Senhor abençoou o sétimo dia e o santificou”* (Êxodo 20:8-11). Em vez de sermos exortados a fim de “trazer à memória” o sábado, nós somos exortados a “guardá-lo” para a glória de Deus. Aqui é claro a primeira atitude leva à segunda, e que as duas versões se complementam.

Ao dar ao homem o mandato para trabalhar (Gênesis 1.28) é natural que Deus tenha querido abranger todo tipo de atividade humana legítima. Embora o contexto do mandato seja o da agricultura, não há razão para excluir atividades tecnológicas. No NT o trabalho é considerado um privilégio e uma obrigação: *“quem não quer trabalhar também não deve comer”* (2 Tessalonicenses 3:10). Então, a lei do sábado é ensinada com insistência em toda a Bíblia, com a finalidade de manter o trabalho em seu devido lugar, sem o tornar motivo de escravidão ou de afastamento de Deus. O sabá, dia de descanso obrigatório, tem dupla função: providenciar descanso e ser uma maneira das famílias se concentrarem na adoração a Deus.

Para João Calvino, o dia de descanso era considerado uma necessidade para a vida do cristão, devendo ser observado ao domingo por já não ser o vigente, o aspecto cerimonial da lei sabática judaica. Reconheceu como válida a mudança do sétimo dia para o primeiro da semana, por ser o dia em que Jesus Cristo ressuscitou.

E a Bíblia, o que ela nos ensina? O “sabá” hebraico tem o claro significado de um dia que representa uma pausa total na atividade humana: está relacionado ao verbo “cessar” ou “pôr fim a alguma coisa”. Tanto para o Senhor, como para a família de cada pessoa, seus servos e animais, era de crucial importância que entre os sete dias da semana houvesse um dia de adoração e descanso. Já Jesus, designa seu Pai como um trabalhador, da mesma maneira que o Filho também o é (João 5.17). Mas trabalhar não é apenas se ocupar incessantemente no esforço de ganhar o pão espiritual ou material. Em questões materiais é tão importante aprender a confiar como trabalhar: *“observem as aves do céu: não semeiam nem colhem nem armazenam em celeiros; contudo, o Pai celestial as alimenta. Não têm vocês muito mais valor do que elas?”* (Mateus 6.26).

O próprio Jesus respeitava e cumpria a lei do sábado (sétimo dia): Lucas 4.16 declara que, nesse dia, “segundo o seu costume” ele entrou na sinagoga. Mas ele era o “Senhor do sábado” não para o anular, mas para mostrar e dar exemplo da maneira como legitimamente o sábado devia e podia ser observado. A chave de seu ensino a esse respeito é a afirmação: “o sábado feito por causa do homem, e não o homem por causa do sábado” (Marcos 2.27).

CAPÍTULO 5: PAIS E FILHOS - *“Honra teu pai e tua mãe, como te ordenou o Senhor, o teu Deus, para que tenhas longa vida e tudo te vá bem na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá”* (Deuteronômio 5.16). A versão do mandamento em Deuteronômio acrescenta uma ênfase à versão do Êxodo, lembrando o povo de que já recebeu essa ordem antes quando a lei foi dada. Acrescenta a promoção de que a recompensa para quem obedecer será não só quantitativa. Desta forma, encontramos no AT uma estrutura chamada família, a qual era ampla do que aquela que hoje se costuma chamar família nuclear. Na Bíblia, casal que tinha deixado sua antiga relação com pais e mães, na maior parte dos casos vivia na mesma unidade familiar que eles e mantinham uma atitude de submissão e respeito a eles.

O envelhecimento dos pais não diminui o grau de submissão e respeito que os filhos lhes devem; estes se mantêm em todas as

circunstâncias: *“Ouça o seu pai, que o gerou; não despreze sua mãe quando ela envelhecer”* (Provérbios 23.22). Quanto ao NT, é que as estruturas familiares na sociedade judaica eram fortes, e que Jesus teve muitas vezes que insistir para que não pusessem esses relacionamentos à frente do reino de Deus. Quando o cristianismo penetrou na sociedade Greco-romana a situação era diferente, as estruturas familiares estavam minadas e as pessoas precisavam reaprender o significado do que era a união do homem e da mulher.

Entretanto, o que a Bíblia nos ensina? O AT ensina que o pai é o chefe da família e o portador da bênção divina. Quando honramos alguém, lhe atribuímos o peso ou prestígio que sua posição merece. Isso não nos autoriza a honrar nossos pais, só até a nossa maioria ou até eles se aposentarem. Já no NT, nós temos a impressão de que pouca coisa mudou em relação à questão das relações familiares. Nota-se em Jesus o cuidado para não permitir que a relação com seus pais se torne muito absorvente. Cristão terá dificuldade em recomendar o apoio, a nível social, da “união de fato” de um homem e uma mulher que deseja criar os seus filhos num lar que os pais não se comprometem a permanecer juntos. Assim, salvar a família é uma tarefa prioritária. Portanto, nenhuma pressão social deve fazer com que baixemos padrões de Deus para nossas vidas.

CAPÍTULO 6: QUESTÕES DE VIDA E MORTE – *“Não matarás”* (Êxodo 20.13). Consideremos “questões de morte” e depois as “questões de vida”. Um homicídio desmembrou a primeira família que existiu na face da terra. Deus responsabilizou Caim pelo ato bárbaro de assassinar seu irmão Abel (Gênesis 4.8). Entretanto quando o homicida assumiu sua falta, Deus protegeu sua vida, anunciando que quem matasse Caim sete vezes seria castigado (Gênesis 4.15). A palavra hebraica *rasah* usada em Êxodo 20.13 e Deuteronômio 5.17, traduzida por “matar”, significa assassinato violento de um inimigo pessoal. O fato de Deus mandar derramar o sangue de quem derrama o sangue dos outros (Gênesis 9:6) é uma consequência de o homem ter sido criado por Deus e Deus lhe ter dado sua aliança.

A lei que manda castigar de acordo com a gravidade da ofensa, a *lex talionis*, é registrada em Êxodo 21.23-25. Condenar à morte quem matou é uma maneira de valorizar a vida. A lei serve para que esse tipo de problema seja tratado num contexto jurídico, evitando vinganças particulares. Quando há morte acidental, sem a total responsabilidade do acusado, não se aplica a sentença de morte (Êxodo 21.28-29). Quando a morte é perpetrada em uma situação de legítima defesa, a pena de morte não será aplicada. Não se ensina que essa ordem seja, em essência, ímpia, nem que o poder da espada que lhe é confiado deva ser considerado diabólico, mas que o cristão submeta-se e ore quem está no poder (1 Timóteo 2:1-2). Da mesma forma, Jesus Cristo, ao mesmo tempo, recomenda aos seus discípulos um comportamento perdoador e pacífico que não retribua com violência àqueles que nos provocam diariamente na sociedade.

Questões de morte, eutanásia, um episódio na história do AT revela com clareza a desaprovação divina em relação à eutanásia. O rei Saul morreu em uma situação clara de suicídio (1 Samuel 31.4-5).

A reação de Davi que não tem nenhuma razão para desconfiar da verdade da versão que lhe é apresentada, fala por si: “*você é responsável por sua própria morte. Sua boca testemunhou contra você, quando disse: Matei o ungido do Senhor*”. Assim, os únicos textos bíblicos que fazem referência à eutanásia, em algum sentido da palavra, já foram referidos. Êxodo 23.7 proíbe o povo de matar os inocentes e 2 Samuel 1.1-16 ilustra esse princípio por meio da posição tomada diante de uma pessoa que quer reclamar como mérito um ato de eutanásia que diz ter efetuado. A Escritura Sagrada então fornece princípios que nos permitem ver o erro dessa prática.

Questões da vida, o aborto não é objeto de nenhum estudo específico nos livros da Bíblia. Contudo, mais ainda do que em relação à eutanásia, o texto de Êxodo 23.7 deve ser entendido como ponto, de que qualquer possibilidade de concretizar esse ato. O texto pressupõe a continuidade entre o ser que é concebido e o ser que nasce. O NT, em Lucas 1.41, descreve o salto de alegria que uma criancinha dá no ventre de sua mãe. Assim, um feto não é considerado pessoa não é argumento válido para as nossas vidas.

CAPÍTULO 7: QUESTÕES DE ÉTICA SEXUAL – “Não adulterarás” (Êxodo 20.14). A sociedade adota posições bastante variadas em relação a essas questões, de tal forma que cristãos corre sério risco de comprometer a posição que seria característica deles. Assim, o casamento constitui um ato de obediência ao ensino de Gênesis 2.24: “*Por essa razão, o homem deixará pai e mãe e se unirá à sua mulher, e eles se tornarão uma só carne*”. É um ato público em que a pessoa deixa a primeira família em que cresceu para se unir, pelo resto de sua vida, com uma pessoa do sexo oposto com a finalidade de constituir uma nova família. O Salmo 45 foi escrito para celebrar um casamento real e o livro inteiro de Cantares de Salomão descreve em termos poéticos a beleza masculina como é vista pela mulher e a feminina como é observada pelo homem.

No NT encontramos um Jesus celibatário que dá extraordinário valor ao casamento. Seus discípulos não jejuam, pois filhos de bodas não podem estar tristes na presença do noivo – e Ele é esse noivo (Mateus 9.15). A principal diferença que encontramos entre os dois testamentos, no que diz respeito ao casamento, é o fato do AT ignorar possibilidade de felicidade humana sem ser no casamento. Dizer que o casamento é um sacramento cristão, equivale a declarar que a união de pessoas não cristãs não é um casamento. Assim, nossa sociedade, apesar de sua secularização acentuada, não parece favorecer muito o casamento civil, um ato que é considerado burocrático e sem romantismo. Casar pela igreja e se divorciar depois só acrescentarão mais problemas e complicará mais a vida.

Homossexualidade - homens de Sodoma desejaram se relacionar sexualmente com anjos, julgando que eram varões humanos (Gênesis 19.5-8), e assim deu origem ao termo “Sodomita”, usado para designar então as pessoas do mesmo sexo que se relacionam sexualmente. Mas isso não significa que, tanto no AT como no NT, as relações homossexuais deixaram de ser reprovadas por Deus. O apóstolo Paulo considera a entrega das pessoas às paixões e atos

homossexuais uma consequência imposta por Deus, pelo fato de terem suprimido o conhecimento natural de Deus e terem se dedicado aos ídolos (Romanos 1.22-27). Paulo argumenta que esse tipo de pecado é contra a natureza – da mesma maneira que o fazer e adorar ídolos é contra a revelação natural que Deus nos deu a si.

Divórcio – Deuteronomio 24.1-4 explica o que fazer quando um homem por encontrar nela algo que ele reprova pretende se divorciar dela. Jesus em sua época esteve sob a pressão dos fariseus e outros para se definir entre uma dessas duas escolas rivais. Os fariseus, que tinham a reputação de ser muito legalistas em outras áreas, tendiam para o liberalismo na questão do divórcio. Esse liberalismo favorecia muito a liberdade do homem para se despedir de sua mulher em virtude de qualquer aborrecimento, mas que naturalmente não dava a mesma possibilidade à mulher.

CAPÍTULO 8: QUESTÕES DE PROPRIEDADE E TRABALHOS – “Não furtarás” (Êxodo 20.15). O termo usado em Êxodo 20.15 é ganab. Quase imediatamente após à passagem em Êxodo, o oitavo mandamento é aplicado no campo humano. Em Êxodo 21.16 lemos: *“Aquele que sequestrar alguém e vendê-lo ou for apanhado com ele em seu poder, terá que ser executado”*. Abre espaço para todo tipo de consideração, o escravismo e exploração da mão de obra infantil. Quando um ladrão assalta uma casa (Êxodo 22.2) e é ferido ou morto pelo proprietário, este não é considerado culpado dessa morte. Quem participa com ladrão – aqui pode ser incluso, exemplo, receptor de valores roubados – compartilha culpa (Provérbios 28.24).

A palavra hebraica traduzida por restituir é uma forma verbal relacionada com a palavra shalom, que significa paz. A intenção da restituição é restaurar a paz e a harmonia nas relações sociais. A penalidade que se aproxima mais da prisão é aquela em que a pessoa se vende como escravo. Já o furto no NT de acordo com Jesus, há maus pensamentos que brotam do coração humano (Marcos 7.21-22) que incluem os furtos. Conforme Paulo em 1 Coríntios 6.10, ladrões estão entre aqueles que não herdarão o reino de Deus. Quem furta peca contra a lei do amor (Romanos 13.9-10).

A implicação lógica desse tipo de abordagem é que uma pessoa pode cometer furto, mesmo quando administra sua propriedade. Uma maneira de furtar em terreno próprio, por exemplo, é não respeitar a lei do ano sabático, então tentando tirar proveito da terra além dos limites que o Senhor estabeleceu (Levítico 25.1-7). No NT, Jesus Cristo denuncia a ganância em termos eloquentes: *“Mas aí de vocês, os ricos, pois já receberam sua consolação”* (Lucas 6.24). O apóstolo Paulo, nessa mesma linha de pensamento, então anuncia não que o dinheiro seja a raiz de todos os males, porém sim que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males para os homens (1 Timóteo 6.10).

CAPÍTULO 9: QUESTÕES DE VERDADE E MENTIRA – “Não darás falso testemunho contra o teu próximo” (Êxodo 20.16). Embora esse mandamento tenha a sua aplicação mais direta no contexto jurídico, onde uma testemunha dá informações corretas ou falsas sobre seu próximo, existe também um leque de relações sociais e interpessoais nas quais Deus requer que a verdade seja dita. Mesmo

assim, a obediência a esse mandamento pode nos trazer alguns dilemas e há distintas e muitas teorias sobre a maneira de interpretar e aplicar o mandamento em certas situações dentro dos limites.

O que a Escritura nos ensina a respeito? Êxodo 20.16 a palavra usada é sheqer que significa mentir ou fazer uma falsa acusação contra alguém. Quando há sheqer as palavras usadas não são fundamentadas nos fatos reais, são inventadas pela pessoa, em geral com o intuito de prejudicar. Algumas vezes os amigos de uma pessoa podem cair no erro de mentir contra ela, pensando que estão a serviço da verdade de Deus, quando na realidade falam sem conhecer fatos reais e as intenções profundas do coração da pessoa. O NT mantém claramente a posição de que Deus é o Deus da verdade, no livro de Apocalipse os anjos cantam: *“Justos e verdadeiros são os teus caminhos, ó Rei das nações”*. As três pessoas da Sagrada Trindade partilham essa natureza, também o Filho (João 14.6) e o Espírito (João 15.26). O crente não é chamado apenas a aceitar essa verdade, mas também a praticá-la (João 3.21).

Assim, quando Paulo e João anunciaram a verdade do Evangelho também se viram obrigados a dizê-la às autoridades judaicas a quem se dirigiam, afirmando, com razão, que estes tinham entregado Jesus à crucificação (Atos 2.23). No entanto, quando Estevão assumiu atitude semelhante, foi vítima da falsa acusação de blasfêmia, quando foram apresentadas falsas testemunhas que o acusavam de falar contra o templo e a lei de Deus (Atos 6.13). Se olharmos todas as situações, não é possível defender a posição de que em situação alguma a pessoa deve se abster de dizer completamente verdade. É óbvio que se a pessoa puder resolver o dilema guardando silêncio, essa solução é melhor do que dizer palavras que contrariam os fatos.

CAPÍTULO 10: QUESTÕES DE DESEJO E AMBIÇÃO – *“Não cobiçarás a casa do teu próximo. Não cobiçarás a mulher do teu próximo, nem seus servos ou servas, nem seu boi ou jumento, nem coisa alguma que lhe pertença”* (Êxodo 20.17). O livro de Deuteronômio utiliza uma palavra diferente (awa) quando fala no desejo de ter a casa do próximo, traduzida em português como desejar, essa palavra tem essencialmente o mesmo significado que a palavra chamad traduzida como cobiçar que se aplica ao desejo de ter a esposa do próximo. Não foi só no ensino de Jesus que a ética passou a ser aplicada a questões internas do coração humano. É verdade que Jesus estendeu sua denúncia do homicídio à área do coração e das motivações ocultas (Mateus 5.22), e a do adultério área do coração onde uma pessoa tem pensamentos adúlteros (Mateus 5.28). Mas no décimo mandamento, a proibição da cobiça é a melhor prova de que Jesus Cristo não anunciava algo novo quando dirigiu sua denúncia a atitudes interiores, e não só a atos externos.

E a Escritura Sagrada, o que nos ensina? A palavra chamad se refere a desejos positivos, não apenas àquilo que é designado pela palavra “cobiçar” que é negative. No Jardim do Éden, tanto a árvore da vida (Gênesis 2.9) como a da ciência do bem e do mal foram objeto do desejo do homem e da mulher, em um caso o desejo era legítimo e no outro não. Quando o desejo não é legítimo o contexto

saliente, a versão em português traduz com a palavra “cobiçar”, apesar da palavra em hebraico ser a mesma. Meditar na lei não nos faz pensar só em exigências que poderiam nos levar a odiar Deus, como Lutero diz tê-lo odiado antes de sua conversão. Leva-nos a pensar em sua misericórdia e amor, aos quais desejamos corresponder: *“A salvação está longe dos ímpios, pois eles não buscam os teus decretos. Grande é a tua compaixão, Senhor; preserva a minha vida conforme as tuas leis”* (Salmos 119.155-156).

Portanto, Calvino capta bem o tipo de relação com o nosso próximo, que faz com que deixemos de cobiçar o que é dele: *“A finalidade desse mandamento é que, como Deus quer que toda nossa alma esteja cheia e que extravase amor e caridade, afastemos de nosso coração todo sentimento contrario ao amor”*. Esse sentimento terá como resultado que não concebamos os pensamentos nenhum que suscite em nosso coração uma concupiscência prejudicial ou propensa a causar dano ao próximo.

Desta forma, que o Senhor Deus nos ajude a vivermos os Dez Mandamentos para a glória Dele, compreendendo que só conseguiremos com ajuda do Espírito Santo em nossas vidas. Visto que, só quando o desejo do cristão tem como objetivo a comunhão íntima com Deus e o bem do próximo encontrará a libertação da cobiça em seus diversos aspectos. Por fim, John Piper, Pastor Professor, defende que cada cristão deve procurar apaixonadamente a própria felicidade mediante o prazer incomparável que lhe proporciona sua relação com Deus. Piper comenta da seguinte forma o diálogo, citado em Lucas 10.25-37, de Jesus Cristo com o Doutor da lei; com Ele terminamos nosso estudo sobre cobiça: Só quando observarmos o “amor próprio”, então dessa maneira é que se torna visível à tremenda força do mandamento *“amarás o teu próximo como a ti mesmo”*. Com isso, Jesus corta a vigor de todo estilo de vida egoísta. Toda nossa procura inata do nosso bem se torna a medida de como nos damos. Então, devemos procurar dar aos outros as mesmas oportunidades, estimulá-los a vontade de progredir cada vez mais na presença de Deus. Assim, possamos está cada vez mais juntos em Cristo Jesus para a Sua honra e glória.

ARTIGO: ABORTO – Jefferson Rodrigo de Souza

Inicialmente, qual o conceito da palavra aborto? É uma ação ou efeito de abortar, isto é, é a interrupção de uma gravidez pela remoção de um feto antes de este possuir a capacidade de sobreviver fora do útero. Então, aborto que ocorra espontâneo é chamado de interrupção involuntária da gravidez humana. Entretanto, o aborto, por sua vez, é provocar a morte de um feto quando por qualquer razão, o nascimento de uma criança não é desejado no momento.

O aborto apareceu pela 1ª vez na legislação brasileira no Código Criminal do Império em 1830. Diferente de como ocorre atualmente, nesse Código Criminal, a prática do aborto não era criminalizada, só punia-se o aborto praticado por terceiro, independente do consentimento da gestante. Depois, Código Penal Republicano de 1890 criminalizou o aborto pela 1ª vez, mas esse tinha sua pena atenuada se o objetivo da genitora fosse esconder desonra própria. Esse código indica aborto legal para salvar a vida da gestante.

Então, o que a Sociedade brasileira pensa a respeito do aborto? O artigo 128 do Código Penal brasileiro permite o aborto quando há risco de vida para a mãe e quando a gravidez resulta de estupro. Hoje o aborto é crime no Brasil, baseia-se no Código Penal de 1940, Capítulo I – Crimes contra a vida, nos artigos 124 a 128. Lei Penal não define o que é aborto. Fernando Capez (2008, p.119), diz que aborto é *“a interrupção da gravidez, com a consequente destruição do produto. Consiste na eliminação da vida intrauterina. Não faz parte do conceito de aborto a posterior expulsão do feto, pois pode ocorrer que o embrião seja dissolvido e depois reabsorvido pelo organismo materno em virtude de um processo de autólise; ou então pode suceder que ele sofra processo de mumificação ou maceração, de modo que continue no útero materno”*.

O crime do aborto em nossa sociedade no Código Penal brasileiro está previsto no Título I, Capítulo I, Crimes Contra a Vida, nos artigos 124, 125, 127 e 128 que dizem do auto aborto, isto é, o aborto provocado por terceiro sem consentimento da gestante, aborto provocado por terceiro com consentimento

da gestante, forma qualificada do aborto e aborto necessário. Desta forma, uma análise do Código Penal brasileiro, então se percebe que este confere maior valor à vida humana extrauterina do que à intrauterina, tomando como exemplo o crime do homicídio, este tem a pena, em sua modalidade simples, de reclusão de 6 (seis) meses a 20 (vinte) anos, enquanto o aborto praticado sem o consentimento da mulher é de reclusão 3 (três) a 10 (dez) anos.

Vale destacar, que o Ministério da Saúde editou uma Norma Técnica da Prevenção e Tratamento dos agravos resultantes da violência sexual contra mulheres e adolescentes para esclarecer que é dispensável a apresentação de Boletim de Ocorrência (BO) como condição para a realização do abortamento legal. Então, merece destaque ainda aborto eugenésico, eugênico ou piedoso, que é o aborto quando se detecta que a criança irá nascer com deformidades. Esse tipo de aborto não é permitido na legislação brasileira, mas existem projetos de ampliar a lei, garantindo o aborto também no caso de malformação do feto, com pouca possibilidade de vida após o parto (ou gestação da mulher).

Após ouvirmos todos esses relatos, o que a Escritura Sagrada reflete sobre o aborto? O assunto é delicado mesmo para nós cristãos comprometido com a Escritura Sagrada. Entretanto, não era imaginável uma mulher israelita que desejasse aborto, pois as crianças eram dádivas de Deus (Gênesis 33.5). Naquela época, não ter filhos era maldição, pois o nome da família do marido não poderia ser eternizado (Deuteronômio 25.6). Assim sendo, o mandamento "*Não matarás*" (Êxodo 20.13) já estava claro e nítido na mente dos israelitas.

Entretanto, a sociedade mudou, e hoje vê impedimento na criação dos filhos; pois acredita que impedirá a realização pessoal do casal, possuir uma boa posição financeira, possuir lazer e desfrutar em família com todos. Desta forma, a Igreja, nós como povo de Deus, devemos ser direcionados pela Santa Escritura Sagrada, e não pela ética da sociedade onde estamos inseridos.

Assim sendo, o aborto deve ser compreendido em Êxodo 23.7 ("*não matarás o inocente e o justo, porque não justificarei o ímpio*"), em que o texto pressupõe a continuidade entre o ser que é concebido e o ser que nasce. Assim, a humanidade do feto, muitas pessoas que são a favor do aborto argumentam que o embrião só se torna um ser humano após determinado

período de gestação, antes do qual abortar não seria assassinato. Entretanto, vários biólogos e médicos concordam que a vida biológica inicia-se desde a sua concepção. Desta forma, a Bíblia Sagrada nos ensina que Deus considera a vida das crianças não nascidas. Exemplo, Êxodo 4.11 *“Respondeu-lhe o SENHOR: Quem fez a boca do homem? Ou quem faz o mudo, ou o surdo, ou o que vê, ou o cego? Não sou eu, o SENHOR?”* e Mateus 1.18 *“Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim: estando Maria, sua mãe, desposada com José, sem que tivessem antes coabitado, achou-se grávida pelo Espírito Santo”*. A Escritura nos ensina que a vida humana se origina na concepção.

Outro ponto de relevância é a santidade da vida humana, ainda que as crianças fossem reconhecidas como pessoas antes de nascerem, suas vidas estariam ameaçadas pelo aborto. Hoje a sociedade moderna não pensa na santidade de vida. As pessoas não refletem que o ser humano é a uma criatura e reflete a imagem de Deus, porém a sociedade enxerga o homem como uma espécie a mais, sem fazer distinção alguma. Atualmente o foco das pessoas está nos fatores financeiros e não no valor que o ser humano possui diante de Deus. Os textos como Jeremias 1.5 e Isaías 49.1 descrevem a forma como Deus se relaciona com a pessoa quando esta ainda está no ventre de sua mãe. O Novo Testamento, em Lucas 1.41, descreve a alegria que uma criancinha dá no ventre de sua mãe. A mulher na situação da briga pode dar à luz prematura. Se ela morrer, a pessoa que causou a sua morte deve morrer também. Então, o uso desse texto é necessário para afirmar que um feto é argumento válido.

Além desses dois pontos, um tratamento exaustivo desse assunto teria que se debruçar também sobre os efeitos provocados pelo aborto na vida física e psíquica da mulher. A angústia e a depressão que muitas mulheres sofrem, dificilmente podem ser atribuídas só a preconceitos e consciência reprovadora. Uma pessoa não se submete impunemente uma situação em que dá prioridade aos seus interesses pessoais em detrimento dos de outro ser humano. Já com relação ao aborto eugênico, consideramos que é preferível não optar pelo aborto, mesmo em casos em que as deficiências do feto sejam muito graves. Existem diversos casos de pais de crianças com síndrome de Down, ou condições mais graves, que poderiam ter optado pelo aborto, no caso de terem

sabido antes do seu nascimento qual era sua condição, porém que agora se alegram com seu filho e se sentem profundamente realizados em cuidar dele.

Como conclusão, todos os pontos mostrados nesse artigo devem ser vivenciados pelos cristãos e não cristãos, visto que se têm várias situações difíceis de serem tratadas, como no caso da gravidez de risco e estupro. Assim sendo, devemos sempre zelar pela vida humana. Vale salientar, que as mulheres que foram estupradas não tratarão as suas dores simplesmente matando o feto ou embrião que estão dentro de seus ventres. Entretanto, essas mulheres necessitam de nossas orações, e acompanhamento pastoral. Para que elas continuem a vida, sejam orientadas e direcionadas em Deus. Ademais, é fundamental que aconselhemos o respeito pelo ser humano que não tem culpa de ter sido originado dessa maneira. Desta forma, não parece muito necessário que estejamos respaldados por uma lei que penalize essa situação. Assim sendo, a nossa oposição como cristãos à prática do aborto. Que o nosso bondoso, misericordioso, majestoso e gracioso Deus nos ajude a cuidarmos e zelarmos pela vida espiritual dessas mulheres abusadas, bem como orientá-las para a glória de Deus, a fim de que elas não realizem o aborto por uma gravidez indesejada ou inesperada em qualquer hipótese humana.

Em Cristo,
Jefferson Souza